



**Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**O cuidado como trabalho na vida de mulheres acompanhantes
de crianças em internação de longa permanência**

Andressa Martins

**Rio de Janeiro
Março de 2024**



**Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**

**O cuidado como trabalho na vida de mulheres acompanhantes de
crianças em internação de longa permanência**

Andressa Gomes Martins da Silva

Projeto de Mestrado apresentado(a) à
Pós-graduação em Política Social e
Intersetorialidade, como pré-requisito para
obtenção do título de Especialista em
Políticas Sociais e Intersetorialidade.

Orientadora: Dra. Dolores L C. Vidal

**Rio de Janeiro
Março de 2024**

CIP - Catalogação na Publicação

da Silva, Andressa Gomes Martins.

O cuidado como trabalho na vida de mulheres acompanhantes de crianças em internação de longa permanência / Andressa Gomes Martins da Silva. - Rio de Janeiro, 2024.

42 f.

Monografia (Especialização em Políticas Sociais e Intersetorialidade) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro - RJ, 2024.

Orientadora: Dolores de Lima Costa Vidal.

Bibliografia: f. 40-42

1. Cuidado. 2. trabalho. 3. Internação de longa permanência. 4. Criança Hospitalizada. 5. Mulher. I. Título.

Resumo

Trata-se de projeto de pesquisa que tem por finalidade analisar a percepção das mulheres acompanhantes de crianças, em período de internação de longa permanência, sobre sua relação com o cuidado, enquanto forma de trabalho. Através de uma pesquisa qualitativa pretende-se compreender, através das categorias trabalho, cuidado, subjetividade/percepção, relações sociais e econômicas, a amplitude da realidade a ser retratada. Para tanto, será utilizado como instrumento metodológico, a entrevista narrativa para coleta de dados, com as mulheres que estejam acompanhando crianças, durante internação de longa permanência, na enfermaria pediátrica do Instituto Fernandes Figueira – IFF/Fiocruz. A escolha pela entrevista narrativa como instrumento de pesquisa ocorre para dar voz a história de cuidado dessas mulheres através da escuta, possibilitando assim, aprender as expressões das questões sociais que se encontram na essência de histórias individuais. Para análise das entrevistas os dados serão categorizados, não apenas para documentar as experiências das participantes, mas também para contribuir com uma reflexão mais ampla sobre as dinâmicas sociais e econômicas que permeiam o cuidado infantil em contextos hospitalares de longa permanência. Dessa forma, pretende-se contribuir para a discussão da defesa e garantia de políticas públicas e práticas de cuidado mais inclusivas e sensíveis às necessidades das mulheres que cuidam de crianças, enquanto atividade produtiva e útil ao estado brasileiro e a sociedade.

Palavras chave: Cuidado, Trabalho, Internação de longa permanência, Criança Hospitalizada, Mulher.

Sumário

Introdução.....	6
Justificativa.....	8
Objetivos.....	11
Geral.....	11
Específicos.....	11
Referencial teórico.....	12
Materiais e métodos.....	17
Cronograma.....	19
Questões éticas.....	20
Anexo.....	21
Quadro 1: Dados coletados no levantamento.....	21
Referências bibliográficas.....	40

Introdução

Ao iniciar minha trajetória profissional como psicóloga no estágio que realizei junto a Instituição Vida Plena de Mesquita, onde atuava no atendimento clínico a crianças e adolescentes vítimas de violência no ano de 2018, tive o contato com crianças privadas de seus direitos fundamentais de respeito e dignidade. E como discente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pude dar continuidade a esse trabalho que me leva a ampliar o fazer clínico para além das paredes do consultório. Ocupando esse espaço, foi possível entender que a garantia de direitos, apesar de um projeto coletivo, também é possível através da escuta acolhedora e crítica ao sistema que isola na individualização.

O projeto de pesquisa ora apresentado tem como **objeto de estudo** a análise da percepção das mulheres acompanhantes de crianças, em período de internação de longa permanência, sobre sua relação com o cuidado, enquanto forma de trabalho. O interesse em olhar para essa realidade surge após um breve conhecimento em relação ao cotidiano dessas crianças no ambiente hospitalar do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), a partir da inserção discente na Pós Graduação Lato Sensu, no ano de 2023.

Refletir sobre o cuidado para além de uma obrigação moral implica explorar as nuances daqueles que cuidam, especialmente quando se considera a padronização de gênero dessa realidade. Guimarães e Hirata (2014) ressaltam a importância de utilizar o gênero como uma ferramenta analítica, permitindo uma compreensão mais profunda dos aspectos sociais e políticos, questionando os paradigmas estabelecidos. Em relação aos estudos sobre trabalho, a magnitude do recorte de gênero, se mostra ainda mais necessário já que o trabalho foi concebido sobre uma ótica de experiência de homens, brancos, qualificados e dentro de espaços fabris (idem, 2014).

Por ser predominantemente realizado no âmbito privado e ser associado às mulheres, o cuidado muitas vezes é despolitizado, ocultando sua importância na reprodução social e no bem-estar (Carrasco, Borderías e Torns, 2011). Por esse motivo é primordial apontar que esse trabalho de cuidado não remunerado, realizado por mulheres na faixa etária de 15 anos ou mais, gera um lucro de pelo menos US\$ 10,8 trilhões por ano mundialmente, é o que estima o relatório “Tempo de Cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade” da Oxfam Brasil (2020). Entretanto, esse valor não é revertido para essas mulheres que cuidam e sim para os mais ricos, que em sua maioria são homens.

Com o envelhecimento populacional a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que, até 2030, existirá um adicional de 100 milhões de idosos e de 100 milhões de crianças de 6 a 14 anos que exigirão cuidados. Considerando que na realidade brasileira 90% desse trabalho de

cuidado é feito pelas famílias, e dentro dessa porcentagem, 85% é feito por mulheres (Oxam, 2020). Dessa forma, se mostra ainda mais essencial essa pesquisa que visa entender a percepção e os efeitos desse trabalho não remunerado para elas.

Através de uma pesquisa qualitativa, a proposta do estudo é relacionar a busca pelo sentido atribuído ao trabalho do cuidado, por mulheres acompanhantes de crianças internadas por um período de longa permanência. Assim, se buscará realizar um levantamento do perfil dessas mulheres e depois utilizando como instrumento metodológico a entrevista narrativa compreender, mediante a escuta de suas narrativas, suas considerações sobre o cuidado que exercem. Essas escolhas se tornam imprescindíveis ao entendimento da realidade complexa e dinâmica como a apresentada.

Para esta pesquisa, é essencial analisar e categorizar essas histórias, considerando os significados que compõem essa realidade. As categorias trabalho, cuidado, subjetividade/percepção, relações sociais e econômicas foram pré-selecionadas para análise, sem desconsiderar as questões de raça/gênero que permeiam esse cenário e permitirão que outras categorias se manifestem por meio do contato direto com o objeto de estudo.

Reconhecer e problematizar o cuidado dentro do contexto público-privado é essencial para desenvolver reflexões mais abrangentes sobre a organização do trabalho na sociedade, visando a redistribuição dessa responsabilidade historicamente atribuída às mulheres por meio de produção de conhecimento científico, reconhecimento e políticas públicas. Considerando a importância do trabalho de cuidado e a sua amplitude, o presente trabalho tem a possibilidade de provocar debate e estudos em torno dessa temática, tão necessária para a agenda do cuidado, do trabalho e de gênero na sociedade contemporânea.

Justificativa

Pesquisa realizada na base de dados Lilacs em 2024, provocou questionamentos e inquietações que contribuíram para a delimitação do objeto de pesquisa. Assim, remeteu a necessidade de aprofundar estudos, tomando por base categorias centrais na discussão do tema, como: infância, trabalho, cuidado, hospital e internação de longa permanência. A consulta na base de dados apontou que é vasta a bibliografia sobre a interação hospital-criança e até mesmo família-hospital. Ao realizar busca na base de dados Lilacs pelo descritor “criança hospitalizada”¹ notamos uma vasta bibliografia. A busca feita em fevereiro de 2024, por artigos produzidos nos últimos 5 anos (2019-2024), gerou o resultado de 68 artigos completos em português sobre o assunto. Dentro dessa busca as temáticas encontradas variavam desde o trabalho da equipe de enfermagem até mesmo a percepção dos pais no diagnóstico recebido pelos filhos.

Os resultados² mostraram 19 artigos que discutiam sobre o tratamento hospitalar, 17 artigos sobre a percepção e atuação da equipe hospitalar, 15 artigos sobre entendimento da hospitalização ou perfil da criança hospitalizada e 17 artigos que traziam o acompanhante como objeto. Dentro desses 17 artigos que discorriam sobre o acompanhante hospitalar, apenas um deles se aproximava da proposta dessa pesquisa.

O artigo de Lima RM, Gomes FMA, Aguiar FAR, *et al.* (2019) intitulado *Experiências de Mães Durante a Internação Hospitalar de Seus Filhos* traz a luz as considerações de mães que acompanham seus filhos em internações de, pelo menos 7 dias, em uma clínica pediátrica de um Hospital de referência do Ceará. Percebe-se que mesmo se aproximando do tema proposto a relação com o cuidado não é uma categoria explorada no estudo, na dimensão proposta no presente projeto.

No que se refere a relação da mulher acompanhante da criança com o cuidado, constata-se que trata de uma temática pouco explorada, ao longo do tempo, considerando a perspectiva de investigação, pois apenas recentemente localiza-se um aumento de produção sobre o tema. Tal afirmação se sustenta uma vez que a ausência de investigação sobre o tema pôde ser comprovada através de uma busca comparativa, utilizando os mesmos descritores, com recortes temporais diferentes. A busca na base de dados Lilacs pelos descritores “cuidador e criança hospitalizada”, foi feita durante o mês de fevereiro de 2024, utilizando os filtros de textos completos em português. No

¹A utilização desse descritor se deu, devido a maior proximidade com o tema hospital-criança. Destaca-se que não foi localizado outro mais pertinente.

²Os dados encontrados no levantamento de dados constam como anexo no Quadro 1.

primeiro momento, delimitou-se o período entre 2013-2018, resultando em 25 artigos. Através da leitura dos títulos, percebe-se que a relação do cuidador com o cuidado não constituiu objeto da maioria dos estudos desses trabalhos. Dos 25 artigos, apenas 5 se aproximaram da hipótese levantada ao se atentarem para o cuidador e sua compreensão sobre o cuidado, sobre a rede de apoio recebida ou sobre a percepção dos cuidados humanizado do hospital. (Villa; Silva; Costa; Camargo, 2017 & Menezes; Moré; Barros, 2016 & Pyló; Peixoto; Bueno, 2015 & Da Silveira Chagas, 2017 & Piske, Azevedo, Marcon, Oliveira, 2013).

Quando se realizou a busca no quinquênio seguinte, 2019-2024 foi possível identificar uma mudança sobre os objetos das produções. Apesar de terem sido encontrados apenas 11 artigos, todos apresentaram proximidade maior ao tema proposto ao lidar com a percepção do cuidado. Dentre esses, porém, destaca-se 4 que condizem com os recortes feitos ao levantar a hipótese: as implicações na vida do cuidador ao exercer o cuidado, a longa permanência hospitalar e o recorte de gênero (Santos; Ramos; Gomes, 2022 & Amp; Assis; Batista; Lima; Silva; Duarte; Araújo, 2020 & Amp; Santos, Et Al, 2022 & Amp; Azevedo; Crepaldi, 2019).

Apesar de uma diminuição numérica ao analisar os dois quinquênios, o recorte temático demonstra que os 4 artigos de produção mais recente apontam para uma aproximação com a temática com o objeto: a percepção do cuidado por mulheres acompanhantes em longa permanência. Ainda assim é um número ínfimo diante das possibilidades que o tema proporciona. Nota-se também que em nenhum dos artigos encontrados o trabalho do cuidado foi parte do objeto de análise. O que denota ainda mais relevância para a pesquisa aqui apresentada.

Pensar o sentido do trabalho, durante a internação de longa permanência, que enquanto produção atende a lógica capitalista³, torna-se uma discussão inovadora, atual e necessária. Para tanto, é preciso dizer que, no Brasil, ainda não existe uma política pública que atue sobre o trabalho de cuidado. Todavia, em 2023 pela primeira vez, essa discussão recebeu notoriedade nacional ao ser tema da redação do Enem e com a abertura de consulta pública sobre a Política Nacional de Cuidados. A consulta contou com 820 contribuições e teve seu encerramento em dezembro de 2023. As contribuições foram atribuídas aos principais aspectos conceituais que orientam a formulação da Política e do Plano Nacional de Cuidados, organizados em cinco partes: 1) breve histórico da formulação da Política Nacional de Cuidados no Brasil; 2) conceito de cuidado; 3) transformação

³ Ao mencionar essa lógica, refere-se à Economia do Cuidado, que embora não seja abordada em profundidade neste trabalho, serve como pano de fundo para as discussões levantadas. Um relatório de pesquisa resultante da primeira fase do projeto Economia dos Cuidados, conduzido pela Coordenação de Igualdade de Gênero e Raça da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea e publicado em 2016, destaca que ‘o cuidado desempenhado de maneira não remunerada não apenas integra o sistema econômico como também constitui uma pré-condição para a sua existência’ (p.16).

do cuidado em objeto de política pública; 4) a Política Nacional de Cuidados no Brasil: componentes e estratégias de ação; e 5) considerações finais. (Ministério da Saúde, 2023)

O cuidado tem uma dimensão relacional, independente da definição conceitual ou literal do dicionário ou do senso comum. Segundo (Alves, 2016), cuidado é quando se cuida de algo ou de alguém que se atribua um sentido de responsabilidade sobre. E essa atribuição de responsabilidade está relacionada, na maioria das vezes, a fragilidade em período determinado. Como, por exemplo, o cuidado a crianças, idosos e pessoas com alguma comorbidade ou funcionalidade limitada. Boff (2005) percorre sobre a definição de cuidado e reforça a ideia de Heidegger de que o cuidado traz uma dimensão ontológica do homem, ou seja, “entra na definição essencial do ser humano e determina a estrutura de sua prática”(p.29) o que proporciona uma profundidade maior para a percepção do cuidado além da que temos no senso comum.

Apesar de “ontológico”, como Heidegger defende, esse cuidado não se mostra socialmente de forma igualitária. Historicamente, vemos que o ato de cuidar é designado historicamente e socialmente ao feminino, como tudo relacionado à vida privada e doméstica. A manutenção do patriarcado exige uma desvalorização constante da vida doméstica para justificar a dominação sobre as mulheres e as tornarem reclusas da vida pública, esta, que é extremamente valorizada socialmente.

A afirmação construída socialmente de que a vida privada pertence ao feminino e a vida pública ao masculino, é utilizada como justificativa para a divisão sexual do trabalho moderno, onde o *trabalho do cuidado* acaba sendo definido como: “um conjunto de práticas materiais e psicológicas que consiste em trazer respostas concretas às necessidades dos outros” (Molinier, et al, 2009, p. 17) se torna uma prática implicada a mulheres, estimulada quando mães são designadas a cuidar de seus recém-nascidos.

Nesse sentido, indagações sobre: como a percepção do cuidado e do trabalho influencia nas relações sociais de mulheres acompanhantes de crianças em internação de longa permanência; em que medida as condições de vida e de renda das acompanhantes influencia na sua concepção do cuidado enquanto trabalho? Como o cuidado nos dias de hoje tem sido vivenciado por quem o exerce? Tornam-se preocupações importantes e atuais, apesar de estarem postas na sociedade há muitos anos. Por isso, estudar o tema apresentado nesse projeto possui relevância em diversas dimensões: problematização do cuidado como trabalho não remunerado; a imposição social desse trabalho a mulheres; reconhecimento desse cuidado exercido e a colaboração ativa dessas mulheres na construção da própria história dentro do trabalho de cuidado.

Objetivos

Geral

- Analisar como as mulheres que acompanham as crianças em situação de internação de longa permanência, se relacionam com o cuidado enquanto trabalho.

Específicos

- Traçar o perfil socioeconômico, étnico-racial e familiar, das mulheres acompanhantes das crianças em situação de internação de longa permanência para então, relacionar essas variáveis com o conceito de cuidado e trabalho.
- Compreender o sentido do cuidado na vida das mulheres acompanhantes de crianças em internação de longa permanência.

Referencial teórico

Esse trabalho utilizará de uma sustentação conceitual com base na psicodinâmica do trabalho (PDT) de Dejours (2008); nas colocações teóricas sobre as relações sociais e a perspectiva da divisão social e sexual do trabalho de Hirata (2016) e Kergoat (2000); na concepção do mundo do trabalho de Lukács (2012); na abordagem sobre cuidado de Alves (2016), visando compreender o objeto proposto, ou seja, a relação de mulheres/mães acompanhantes de crianças em internação de longa permanência com o cuidado enquanto trabalho. Considerando ainda o marco legal do direito da criança na sociedade contemporânea e os processos de mudança com a internação de longa permanência.

A colaboração entre os campos acima citados, não constitui novidade quando se refere a psicodinâmica do trabalho. Em 1970, com o início das investigações de Dejours sobre a relação saúde mental e o trabalho, o arcabouço teórico advém da antropologia freudiana: “a partir da qual se considera que o sujeito aborda o mundo do trabalho com o conjunto daquilo que ele é e daquilo que procura alcançar” (MOLINIER, 2004, p.15).

Lukács (2012) traz a compreensão do trabalho como categoria ontológica fundamental para o ser social. Essas categorias são aquelas que foram historicamente incorporadas no gênero humano e que não podem ser analisadas separadamente da concepção de ser social. Ou seja, “(...) o trabalho é antes de tudo, em termos genéticos, o ponto de partida para o tornar-se homem do homem, para a formação das suas faculdades, sendo que jamais se deve esquecer o domínio sobre si mesmo”(p.348). O que também remete ao conceito Marxista de que nossa diferença como seres humanos é o fato de podermos transformar a natureza através do trabalho. A afirmação de Moro (2017) que: “a análise do trabalho como atividade principal na vida adulta demanda, portanto, considerá-lo dialeticamente como atividade principal humanizadora e atividade principal alienada e alienante” (p.567) aprofunda a discussão. Castel (2001) também nos traz uma defesa sobre a centralidade do trabalho quando afirma que a prova da importância estrutural, psicológica e cultural dele é a reação dos que não tem.

Diante do cenário apresentado, a categoria *trabalho* foi a escolhida no presente projeto, para embasar a análise da situação das mulheres, mães e responsáveis acompanhantes. É sabido que, as categorias por si só não produzem espaço de conhecimento, se não estiverem atravessadas pela realidade. Dessa maneira, a relação entre trabalho, gênero e cuidado são indissociáveis. Uma observação que contribui para explicar a questão da divisão sexual do trabalho e como o cuidado é uma prática vinculada, historicamente a mulheres, é apresentada por Kergoat (2000), onde a autora aponta que: “(...) tornou-se coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho era

realizada gratuitamente pelas mulheres, e que este trabalho era invisível, que era feito não para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal (p.2)”. Essa constatação auxilia no entendimento da imensa presença do feminino no ambiente hospitalar, assim como a inserção de mulheres em determinadas profissões voltadas para o cuidado direto do outro, como enfermagem, babá, empregada doméstica, nutrição, professoras da educação infantil, auxiliar de creche, dentre outras.

Kergoat (2000) ainda na esteira da dessa discussão, afirma que a divisão sexual do trabalho através da definição de relações sociais de sexo, relação social, acaba colaborando para uma parte da formação da identidade relacionada a dinâmica de realização de si mesmo na esfera social, onde o sujeito forma sua identidade através da percepção do outro.

A percepção do outro também é algo histórico e dinâmico e se modifica ao longo do tempo e de acordo com a realidade vivenciada. Basta observar as mudanças ocorridas na instituição hospitalar, no cuidado, no acompanhamento de crianças e adolescentes nas instituições de saúde, por exemplo.

O hospital nos dias de hoje, que constitui um lugar de cuidado, da atenção à saúde e de produção de saberes, é uma construção que se pauta na distanciação do sofrimento advindo do processo de adoecimento e do indivíduo que sofre/adoece. Ao discorrer sobre o assunto, Pitta (1999) em seu livro *Hospital: Dor e Morte como Ofício* nos atenta para a externalização da doença: o que nos tempos medievais era de natureza privada e doméstica passa a ser visto como uma prática terceirizada. Em um primeiro momento, médicos passam a ser os responsáveis por esse prolongamento da vida, ou seja, por uma procura incessante de cura da doença e a efemeridade da existência humana não é mais vista como fato e sim como um desafio a ser superado. Com o avanço das ciências humanas e a modernização do hospital, esse “dever” se estende a todos os trabalhadores de um hospital.

Ainda que, a instituição hospital passe por mudanças substanciais, a partir do final do século XVIII, nota-se que o conceito do cuidado, quando se refere a institucionalização do hospital, acaba sendo construído tomando por base a figura do médico enquanto centro desse cuidado. A partir dessa centralização o cuidado entra em cena na saúde, para não mais sair. Posteriormente, a categoria “cuidado” vai ganhando diversas significações, dimensões e se configurando até enquanto espaço de disputa entre diversas profissões da saúde e até mesmo, o espaço privado.

Foucault (1984) nos traz dois panoramas sobre a função primária do cuidado, estes que não se relacionam com a ideia terapêutica que temos hoje: o primeiro diz respeito aos cuidados médicos individuais, praticados em casa e o segundo de segregação de classe oriunda dos hospitais, onde corpos eram segregados em prol da higienização e disciplinarização da pobreza. Essa lógica só

começa a se subvertida quando a realidade hospitalar se torna objeto de investigação. No final do século XVIII, a Academia de Ciências da França designa Tenon, um médico, para elaborar um relatório sobre alguns hospitais na Europa e assim desenvolveu o que seria a primeira sistematização a fim de olhar o hospital com funções terapêuticas e denunciar suas condições de maus-tratos (PITTA, 1999). Foucault (1984) elucida que a realidade hospitalar “é um objeto complexo de que se conhece mal os efeitos e as consequências, que age sobre as doenças e é capaz de agravá-las, multiplicá-las ou atenuá-las”. A partir desse momento se inicia a era do hospital como dispositivo de cuidado médico, onde a produção de saber se volta para estabelecer um ofício. O *cuidar* deixa de ser apenas um ato de bondade e se torna uma atividade, uma “tecnologia” (PITTA, 1999) e a medicina passa a se encarregar do que antes era privado: o cuidado.

Com a mercantilização do trabalho do cuidado, ocorrida com o aumento do fluxo migratório no início do século XXI, onde trabalhadores do Sul Hemisférico migram para as grandes metrópoles do Norte ocorre o reconhecimento da profissão, dos chamados *care workes* - trabalhadores formais do cuidado reconhecidos financeiramente, com formação voltada para a atividade, carreira e *etc* (HIRATA, 2016). Porém quando se refere ao cuidado prestado por mães, avós ou outras mulheres, que se disponibilizam a cuidar de crianças em internação de longa permanência, esse cuidado pode não ser visto enquanto trabalho. E por isso, entender como essa mulher, que está cuidando do seu filho, neto ou sobrinho, em processo de longa permanência percebe esse cuidado, torna-se importante. Nessa direção, Alves (2014) reitera a importância de ouvir a percepção dessas cuidadoras. Para a autora, a visibilização das histórias de cuidado traz para esta realidade algo que essas mulheres buscam incessantemente: o reconhecimento. A falta de reconhecimento sofrida por essa mulheres se dá tanto no âmbito das relações familiares, relações jurídicas e na comunidade de valores. Alves (2014)

Proporcionar meios para que a desproporcionalidade de trabalho de cuidado prestado por mulheres seja enfrentada, é uma pauta que vem sendo discutida internacionalmente e a OIT propõe uma solução baseada nos “5R”: 1) Reconhecer o cuidado como trabalho com valor real; 2) Reduzir o número total de horas dedicadas a tarefas de cuidado através de infraestruturas de apoio; 3) Redistribuir o trabalho de cuidado não remunerado de forma justa, tanto no âmbito privado quanto no público; 4) Recompensar de forma justa o trabalho de cuidado e 5) Representar ativamente cuidadoras ofertando a garantia que participem das decisões e serviços que afetam suas vidas (ILO, 2018, p. 28-33). Logo, a temática está sintonizada com as questões não só nacionais, mas também internacionais.

Com o aumento da expectativa de vida das crianças e adolescentes, a cronicidade, em si, apresenta-se como uma questão contemporânea. O acompanhamento de um responsável no

atendimento de saúde, por inúmeras vezes, foi visto como algo que poderia atrapalhar a rotina hospitalar. Esse direito já foi criticado e, até hoje, muitas vezes, não é entendido enquanto um direito da criança, mas uma obrigação da família. E ao se referir a uma internação de longa permanência esses conflitos podem ser tornar mais acirrados, quando não se adota uma relação de acolhimento e de direito com a família.

O cuidado prestado a crianças no ambiente hospitalar, também precisa ser entendido dentro de um contexto histórico e social, pois ele ocorre associado as mudanças que giram em torno do conceito de infância. Até o final do século XVIII, a infância era reduzida a uma fase de fragilidade, mas que não tinha suas especificidades levadas em consideração. Ariès (1981) traz uma ideia interessante em seu livro *História Social da Criança e da Família* que elucida de modo satisfatório, e ainda contemporâneo, o descaso por essa fase de desenvolvimento: “a passagem da criança pela sociedade era muito breve e insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade” (p.10). O conceito de *ser em desenvolvimento* que precisa de direitos que protejam seu estado atual, começa a ser desenvolvido a partir do processo de industrialização da sociedade, quando crianças passam a ser vistas como futuros “homens” com valor econômico-produtivo que precisam ser preparados para a produção (RIBEIRO, 1998). Logo, o conceito de infância adquire um novo sentido, passando do descaso para a utilidade.

No Brasil, o movimento de mudança conceitual da infância, tem como marco legal, a criação do Código de Menores, em 1926, com o reconhecimento de que crianças e adolescentes eram “incapazes” e “necessitados da tutela” do Estado. Entretanto, a ordem punitivista e a visão da Doutrina da Situação Irregular presente no código, apenas colaborou para a segregação de crianças pobres e negras. Essa lógica só se subverte em 1988 com a promulgação da Constituição Federal que em seu artigo 227 determina a prioridade da proteção dos direitos fundamentais das crianças e adolescentes, que aliado com a Convenção sobre os Direitos das Crianças (ONU - 1989) impulsionou a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA que começou a vigorar no país em 1990, extinguindo o Código de Menores.

No que se refere ao seu direito de ser acompanhada em unidades de saúde, esse se deu, a partir de 1995, quando o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA aprovou, na íntegra, o texto da Sociedade Brasileira de Pediatria que diz respeito aos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados através da Resolução nº 41. O quarto item do referido documento, garante esse a criança tem o direito de “ser acompanhada por sua mãe, pai ou responsável, durante todo o período de sua hospitalização, bem como receber visitas”. (CONANDA, 1995)

Como dito anteriormente, crianças e adolescentes em internação de longa permanência são uma realidade contemporânea que se deu devida ao avanço tecnológico, permitindo que condições crônicas de saúde fossem tratadas (GOMES, et al., 2015). Um gerenciamento contínuo de cuidado, algumas vezes, implica em internação prolongada, que consiste em um tempo de estadia hospitalar maior e, geralmente, com apoio de tecnologias hospitalares. O tempo prolongado, a alta complexidade das tecnologias utilizadas e o fato de serem crianças, torna a presença do acompanhante indispensável (DE LIMA, et al., 2023).

Ao se colocar em pauta o impacto da internação prolongada, que traz consequências não só para a criança, mas também para os acompanhantes, é necessário considerar, como pondera (DE LIMA, et al. 2023), a imensa desconexão com as relações sociais que o isolamento causado pela vida dentro do hospital pode provocar na saúde dos cuidadores, no caso em grande parte, na saúde das mulheres. Essas desconexões também devem ser pensadas “a partir de interligações de diferentes naturezas, como as relações de trabalho, gênero, classe, raciais, entre outras” (DE LIMA, et al. 2023).

Ressalta-se que nesse trabalho a internação de longa permanência, leva em consideração a norma técnica do Ministério da Saúde (2002) que define a nomenclatura para hospitais integrantes do SUS, onde se considera um período maior que 30 (trinta) dias de internação para se considerar longa permanência.

Assim, esse referencial teórico, partiu das categorias acima mencionadas, trabalho, cuidado, subjetividade/percepção, hospital, relações sociais e econômicas, influenciadas pelas questões de gênero, raça/cor, considerando ainda a realidade das mulheres, mães e acompanhantes de crianças, em processo de internação de longa permanência. Além da possibilidade de imersão de outros elementos, advindos do contexto a ser analisado, para buscar responder a pergunta norteadora do projeto, que é : em que medida as mulheres, mães ou responsáveis acompanhantes de crianças, em período de internação de longa permanência, percebem a sua relação com o cuidado, enquanto forma de trabalho? E, como conseqüentemente, essa percepção influencia na manutenção das suas relações sociais.

Materiais e métodos

A escolha de uma metodologia qualitativa para realizar essa pesquisa se justifica por sua natureza que permite a profundidade no objeto através do acesso à experiência vivida e narrada. (PACHÁ, 2022) Ao buscar entender o sentido do trabalho de cuidado para as mães acompanhantes é preciso dar voz as suas narrativas e suas visões de mundo e compreender sua realidade. Dentro dessa perspectiva, Minayo (2012) aponta que “o verbo principal da análise qualitativa é compreender” e que ao fazer isso é preciso olhar para o que surgirá através da ação e da linguagem, já que “ambas têm como características serem conflituosas e contraditórias pelos efeitos do poder, das relações sociais de produção, das desigualdades sociais e dos interesses”.(p 623)

A partir de algumas questões norteadoras: Qual o papel do trabalho na vida das mulheres/mães acompanhantes que cuidam de crianças, em internação de longa permanência? Qual o lugar que o trabalho e o cuidado ocupa na realidade delas? Qual o sentido que elas atribuem ao trabalho? É que se buscar entender e analisar a percepção das mulheres acompanhantes de crianças, em período de internação de longa permanência, sobre sua relação com o cuidado, enquanto forma de trabalho.

Para realização da coleta de dados será utilizado como instrumento, a entrevista narrativa, que poderá ser gravada, caso a participante concorde. Trata-se de uma entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Emprega um tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar a história, para conseguir o objetivo (Jovchelovitch & Bauer, 2008).

A opção por esse tipo de entrevista se dará, pois através da oralidade é possível dar voz a questões antes não percebidas, colocando a atenção no cotidiano e nos anônimos (Thompson, 1992). A história da mulher se beneficiou com esse método já que as ideias que descreviam o objeto surgiam a partir de homens que invisibilizavam suas subjetividades (Alves, 2014). Portando a afirmação de Alves (2014) sustenta a escolha desse instrumento: “o conhecimento produzido através das histórias de vida e entrevistas em profundidade começou assim a ser entendido como importante não só para a produção de conhecimento acadêmico, mas também para o ativismo e mudança social” (p.101).

Esse instrumento tem como característica principal o uso de ferramentas não estruturadas para obtenção de maior profundidade sobre o objeto de pesquisa, abrindo a oportunidade de relatar experiências com maior subjetividade (Artioli et al., 2019).

As entrevistas serão realizadas com mulheres que estiverem prestando cuidado a crianças em internação de longa permanência no IFF/FIOCRUZ, uma vez que essa instituição constitui referência em atendimentos de crianças crônicas e complexas, sendo essa uma das situações de saúde que demandam internação de longa permanência, portanto se encontram dentro do critério de definição de longa permanência (internação superior a 30 dias). A proposta é que a coleta ocorra, aproximadamente em um período de, no máximo 3 meses. Estima-se a realização de 10 a 12 entrevistas, utilizando o critério de saturação.

Para atender a execução proposta por Jovchelovich e Bauer (2002) a primeira fase da entrevista narrativa consiste na exploração do campo e na formulação de questões *exmanentes* - definidas como questões que surgem com a aproximação do pesquisador com o tema de estudo, seja através da revisão de literatura ou com aprofundamento no objeto de estudo. E é nessa primeira fase que a narrativa acontece. Essa fase será gravada, com a permissão da entrevistada, e durante a escuta do relato não é permitido realizar perguntas do tipo “por quê?”, apenas encorajamento não verbal ou paralinguístico para continuar a narração (“o que aconteceu então?”).

Nessa fase narrativa, as questões *exmanentes* se tornam questões *imanentes* - ou seja, temas e tópicos trazidos pelo entrevistado que podem ou não coincidir com as questões *exmanentes*. Com a finalização desse momento inicial de narrativa, a gravação é pausada e perguntas do tipo “por quê?” são permitidas. É preciso notar as narrativas não ouvidas da narração (tom da voz, pausas, gestos, silêncios, mudanças de entonação, expressões) e por isso, anotações devem ser feitas imediatamente ao fim da entrevista. A coleta de dados socioeconômicos, étnico-raciais e as demais informações que fornecerão informações sobre o perfil dessa mulher, também serão realizadas nessa segunda fase da pesquisa.

As perguntas feitas serão disparadoras de longas histórias e a profundidade dessas histórias requer do pesquisador uma dedicação para cada entrevistado, captar informações de outras fontes, como documentos, fotos, diários também se fará pertinente.

A profundidade requerida na entrevista narrativa supõe uma intimidade com o entrevistador que se insere no relato ao validar a importância da fala do entrevistado. A história é o dado mais relevante e ela deve ser percebida para além da comunicação verbal. Gestos, pausas, silêncios e emoções devem ser entendidas como parte do que se quer ser dito. O relato não pode ser destacado do contexto sócio-histórico inserido e, apesar de não ser passível de comprovação, fornece dados que podem ser comparados com dados já conhecidos sobre a realidade observada.

Questões éticas

A pesquisadora se compromete a submeter o projeto ao Comitê de Ética da Instituição, uma vez que a pesquisa envolverá seres humanos, e, portanto, só será iniciada, após a aprovação do CEP.

Anexo

Quadro 1: Dados coletados no levantamento.

Autores	Nome do Artigo	Ano de Publicação/ Localização	Descritores	Critérios
Alencar, V. O., Nascimento, I. R. C. do, Santos, I. B. dos, & Almeida, L. M. P	Compreensão da morte no olhar de crianças hospitalizadas.	(2022). Revista Bioética, 30(1), 63-71. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422022000100063	Morte; Pediatria; Luto; Hospitalização	PERCEPÇÃO/ PERFIL DA CRIANÇA HOSPITALIZADA
Peixoto, C. S., Moraes, L. G., Marques, M. A. R., Alves, M. D. de S. M., Gaíva, M. A. M., Ferreira, G. E., & Ribeiro, M. R. R	Direitos da criança e adolescente hospitalizados à luz da gestão da clínica	(2022) Acta Paulista de Enfermagem, 35, eAPE0278345. https://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002022000100347	Defesa da criança e do adolescente; Governança clínica; Hospitais universitários; Criança hospitalizada; Responsabilidade legal	
Jesus, L. G. de, & Andrade, M. C. de B.	Correlação dos fatores sociodemográficos e clínicos com alterações da funcionalidade em crianças hospitalizadas	(2021) Revista Pesquisa em Fisioterapia, 11(2), 361-367. https://www5.bahiana.edu.br/index.php/fisioterapia/article/view/3741/4106	Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica .Criança hospitalizada. Desempenho funcional. Morbidad	

			e.	
Bezerra, R. C. O., Santos, M. A., Silva, S. G. T. da, Damiano, E. B. C., & Floriano, C. M. de F.	Avaliação da ansiedade de crianças escolares hospitalizadas utilizando o instrumento child drawing: hospital	(2021) Revista Pesquisa (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Online), 13, 868-873. http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/9578/10084	Ansiedade; Hospitalização; Criança hospitalizada; Enfermagem pediátrica; Avaliação em enfermagem	
Santos, A. C., Góes, F. G. B., Pereira-Ávila, F. M. V., Camilo, L. A., Bonifácio, M. C. S., & Knupp, V. M. A. O	Perfil clínico-epidemiológico de crianças admitidas em unidade pediátrica	(2020). Perfil clínico-epidemiológico de crianças admitidas em unidade pediátrica. Revista de Enfermagem UERJ, 28, e46533. https://www.publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/46533/35922	Enfermagem Pediátrica; Morbidade; Perfil Epidemiológico	
Coelho, H. P., Souza, G. dos S. D. de, Freitas, V. H. da S., Santos, I. R. A. dos, Ribeiro, C. de A., Sales, J. K. D. de, Oliveira, J. D. de, & Gonçalves, G. A. A.	Percepção da criança hospitalizada acerca do brinquedo terapêutico instrucional na terapia intravenosa/	(2021) Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 25(3), e20200353. http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452021000300216	Jogos e Brinquedos; Procedimentos Clínicos; Saúde da Criança; Enfermagem Pediátrica; Criança Hospitalizada	
Silva, V. E. da, Nunes, M. D. R., Macedo, I. F.	Convivendo com múltiplos sintomas: a experiência de	(2020) Revista de Enfermagem UERJ, 28, e47474. https://www.publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/47474/35903	Criança; Adolescente; Doença Crônica;	

de, Possi, J. C. S., Silva-Rodrigues, F. M., & Pacheco, S. T. de A.	crianças e adolescentes com condição crônica		Sinais e Sintomas; Enfermagem Pediátrica
Budzyn, C. da S., & Oliveira, V. Z. de.	O adoecimento, o tratamento e a relação paciente-médico-cuidador segundo a criança hospitalizada	(2020) Gerais (Universidade Federal de Juiz de Fora), 13(3), 1-18. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000300007	Criança hospitalizada. Relação médico-paciente-cuidador. Relação médico-paciente. Relação mãe-criança. Pediatria.
Santos, R. G. dos, Cardoso, É. L. da S., Marques, L. de S., França, L. L. A. de, Xavier, T. G. M., Leon, P. A. P. de, & Souza, L. F. de.	Perfil clínico-epidemiológico de crianças hospitalizadas: um recorte do período pandêmico e não pandêmico	(2021) Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 25(spe), e20210125. https://www.scielo.br/j/ean/a/BHg4ppTdD6j4PDnWmVSK3s	Hospitalização; Infecções por Coronavírus; Pandemias; Pediatria; Perfil de saúde
Campos, F. V. de, Antunes, C. F., Damiano, E. B. C., Rossato, L. M., & Nascimento, L. C.	Instrumentos de avaliação da ansiedade da criança hospitalizada	(2020) Acta Paulista de Enfermagem, 33, eAPE20180250. http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002020000101004	Criança; Criança hospitalizada; Ansiedade; Escala de ansiedade frente a teste; Enfermagem pediátrica
Barroso, M. C. da	Percepção das crianças	(2020) Acta Paulista de Enfermagem, 33. http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?	Insuficiência

C. S., Santos, R. dos S. F. V. dos, Santos, A. E. V. dos, Nunes, M. D. R., & Lucas, E. A. J. C. F.	acerca da punção venosa por meio do brinquedo terapêutico	script=sci_arttext&pid=S0103-21002020000100411	cardíaca; Avaliação de resultados da assistência ao paciente; Avaliação em Enfermagem; Estudos de validação	
Alves de Lima, A., Cavalcante Martins, M., Moreira Leitão Cardoso, M. V. L., Rodrigues Oliveira, N., Martins de Melo, G., & Freire, E. K.	Qualidade do sono das crianças internadas com síndrome do respirador bucal	(2019) Avances en Enfermería, 37(2), 149-157. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002019000200149	Sono; Respiração Bucal; Saúde da Criança; Criança Hospitalizada	
Eler, K., & Albuquerque, A.	Direitos humanos da paciente criança	(2019) Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário, 8(1), 36-52. https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/509/571	Criança. Pacientes. Bioética. Direitos humanos.	
Vicente, S. R. C. R. M., Ramos, F. P., & Paula, K. M. P. de.	Tradução e adaptação transcultural do questionário de pais como contexto social	(2019) Avaliação Psicológica, 18(1), 41-49. http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v18n1/06.pdf	adaptação transcultural, instrumento, crianças, cuidadores, hospitalização.	
Santos, V. S. S.	Brinquedo terapêutico instrucional: preparando a criança para a quimioterapia endovenosa	(2019) Revista Salusvita (Online), 38(4), 987-1000. https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/salusvita/salusvita_v38_n4_2019/salusvita_v38_n4_2019_art_09.pdf	Jogos. Brinquedos. Criança Hospitalizada. Terapia Combinada.	

SANTOS, Stephanie Barbosa Barreto; ANDRADE, Maria Carolina de Britto	O brincar como estratégia no atendimento fisioterapêutico da criança hospitalizada sob a percepção do acompanhante: um estudo transversal descritivo	(2023) Revista Pesquisa em Fisioterapia, Salvador, v. 13, n. 1, Disponível em: https://www5.bahiana.edu.br/index.php/fisioterapia/article/view/5127/4953	Criança Hospitalizada. Fisioterapia. Pediatria. Jogos e Brinquedos. Família.	TRATAMENTO HOSPITALAR
SOUZA, Danton Matheus de; FERNANDES, Rafaela de Fátima; COSTA, Cibelle Tiphane de Sousa; BORGHI, Camila Amaral; ROSSATO, Lisabelle Mariano.	Da teoria à prática: a inclusão da família de crianças hospitalizadas nos procedimentos dolorosos	(2023) Revista da Escola de Enfermagem da USP, vol. 57, e20230152 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342023000100434	Dor; Família; Criança Hospitalizada; Manejo da Dor; Enfermagem; Pesquisa Qualitativa	
SOUZA, Larissa da Silva; FIGUEIREDO, Marcela Natalia Lima de; FÚ, Ho Shin; OLIVEIRA, ...	O lúdico no processo de hospitalização das crianças com câncer	(2022) Licere (Online), vol. 25, no. 1, pp. 171-199 Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/39075	Ludicidade, Criança hospitalizada, Oncologia	
RIBEIRO, Daiane Lopes; BARBIERI, Aline; UEMA, Roberta Tognollo	Uso da realidade virtual durante a punção venosa em crianças hospitalizadas: estudo descritivo;	(2022) Online Brazilian Journal of Nursing (Online), vol. 21, e20226588 Disponível em: https://fi-admin.bvsalud.org/document/view/jzde5	Enfermagem Pediátrica; Manejo da Dor; Realidade Virtual.	

Borotta; SHI-BUKAWA, Bianca Machado Cruz; HIGA-RASHI, Ieda Harumi; DIAS, Jaqueline				
MIRANDA, Carolline Billett; MAIA, Edmara Bazoni Soares; ALMEIDA, Fabiane de Amorim.	Modelo de implementação sistemática do brinquedo terapêutico em unidades pediátricas hospitalares;	(2022) Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, vol. 26, e20220136 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452022000100291	Ciência da Implementação; Criança hospitalizada; Cuidados de enfermagem; Enfermagem pediátrica; Jogos e brinquedos	
PEDROSO, Glicinia Elaine Rosilho; GARCIA, Ana Paula Rigon Francischetti; MELO, Luciana de Lione.	Visita à criança hospitalizada em terapia intensiva: vivências de irmãos reveladas por meio do brinquedo terapêutico dramático	(2022) Esc. Anna Nery Rev. Enferm, 26, e20210088 https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2021-0088	Enfermagem Pediátrica; Irmãos; Jogos e Brinquedos; Unidades de Terapia Intensiva Pediátrica; Visitas a Pacientes	
COSTA, Tamara Santos da; NASCIMENTO, Camila Evangelista Carnib; MES-	Canção instrutiva no cuidado de enfermagem a crianças hospitalizadas no preparo para punção venosa;	(2021) Rev. eletrônica enferm, 23, 1-9. Recuperado de https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/64876	Música, Cuidados de Enfermagem, Enfermagem Pediátrica, Criança Hospitalizada, Tec-	

<p>QUITA, Leonel Lucas Smith de; RAFAEL, Eremita Val; PEIREIRA, Leidiane Silva; BALATA, Ingrid Loyane Bezerra.</p>			<p>nologia Educacional</p>	
<p>SILVA, Cleonara Sousa Gomes e; SANTOS, Sarah Almeida; PASSOS, Silvia da Silva Santos; SANTOS, Silvone Santa Barbara da Silva; SANTOS, Luciano Marques dos.</p>	<p>Aplicabilidade prática de uma cartilha sobre punção venosa periférica: estudo com familiares de crianças hospitalizadas</p>	<p>(2021) Rev. enferm. UFSM, 11, e20. Recuperado de https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/43349/html</p>	<p>Família; Enfermagem pediátrica; Criança hospitalizada; Tecnologia educacional; Cateterismo periférico</p>	
<p>CAMPOS, Débora Câmara de; SILVA, Liliane Faria da; SÁ, Selma Petra Chaves; REIS, Adriana Teixeira</p>	<p>Tecnologias educacionais na prevenção de queda em crianças hospitalizadas</p>	<p>(2021) Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), 13, 221-226. Recuperado de http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/8243/pdf_1.</p>	<p>Acidentes por Quedas; Criança Hospitalizada; Tecnologia Educacional</p>	
<p>BESERRA, Rayane</p>	<p>A terapia do riso como ferramenta</p>	<p>(2020) Rev. enferm. Cent.-Oeste Min, 10(1), 3797. Recuperado de http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/a</p>	<p>Criança-Hospitalizada.Te-</p>	

<p>Alves; NUNES, Michelle Darezzo Rodri- gues; CI- BREI- ROS, Syl- via Alves; SILVA, Liliane Faria da; SANTOS, Ravini do Santos Fernandes Vieira dos; ARAÚJO, Barbara Bertolossi Marta de.</p>	<p>de cuidado com a crian- ça hospitali- zada: revisão integrativa da literatura;</p>	<p>rticle/view/3797/2514</p>	<p>rapia do Riso.Re- visão.En- fermagem Pediátrica</p>	
<p>SOUSA GOMES E SILVA, Cleonara; MAR- QUES DOS SANTOS, Luciano; DE JE- SUS SOUZA, Manuela;</p>	<p>Validação de cartilha sobre cateterização intravenosa periférica pa- ra famílias- valid</p>	<p>(2020) Av. enferm, 38(1), 28-36. Recu- perado de http://www.scielo.org.co/scielo.php? script=sci_arttext&pid=S0121- 45002020000100028</p>	<p>Família; Enferma- gem Pedi- átrica; Criança Hospitali- zada; Tecnolo- gia Edu- cacional; Cateteris- mo Peri- férico</p>	
<p>LEON- CIO, Jackeline Martins et al.</p>	<p>Impacto das infecções re- lacionadas à assistência à saúde nos custos da hospitaliza- ção de crian- ças</p>	<p>(2019) Rev. Esc. Enferm. USP, 53, e03486. Recuperado de http://www.revenf.bvs.br/scielo.php? script=sci_arttext&pid=S0080- 62342019000100460</p>	<p>Infecção Hospita- lar; Crian- ça Hospi- talizada; Custos de Cuidados de Saúde; Resistên- cia Mi- crobiana a Medica- mentos; Enferma- gem Pedi-</p>	

			átrica	
Pacheco, D. P., Costa, B. C. da, Nascimento, L. de C. N., Souza, T. V. de, Depianti, J. R. B., & Laignier, M. R.	O familiar da criança com doença falciforme: saberes e práticas	(2019) Revista de Pesquisa (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Online), 11(5), 1213-1218. Recuperado de http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/7404/pdf	Anemia Falciforme, Criança, Família, Conhecimento, Educação em Saúde.	
Brandão IA, Whittaker MC, Oliveira MM, Lessa AB, Lopes TF, Camargo CL, et al.	Jogos eletrônicos na atenção à saúde de crianças e adolescentes: revisão integrativa	(2019) Acta paul. enferm., São Paulo , v. 32, n. 4, p. 464-469, Disponível em http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002019000400464&lng=pt&nrm=iso	Criança hospitalizada; Jogos de vídeo; Jogos e brinquedos; Promoção da saúde; Doença crônica	
Miranda JOF, Camargo CL, Nascimento Sobrinho CL, Oliveira TL, Matos ACGT, Portela DS	Reprodutibilidade e aplicabilidade de um escore pediátrico de alerta de deterioração clínica	(2019) Reme : Rev. Min. Enferm., Belo Horizonte , v. 23, e-1156 Disponível em http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622019000100203&lng=pt&nrm=iso	Reprodutibilidade dos Testes; Estudos de Viabilidade; Criança Hospitalizada; Enfermagem Pediátrica.	
ALVES, Liriah Rodrigues Burmann et al	A criança hospitalizada e a ludicidade	(2019) Reme : Rev. Min. Enferm., Belo Horizonte , v. 23, e-1193, 2019 . Disponível em http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622019000100239&lng=pt&nrm=iso	Enfermagem Pediátrica; Criança Hospitalizada; Pais; Cuidados de Enfermagem; Pesquisa Qualitati-	

			va	
Sueiro, I. M., Góes, F. G. B., Silva, L. F. da, & Moraes, J. R. M. de.	Cuidados de enfermagem da alimentação de crianças em quimioterapia: contribuições de collière	(2019) Revista Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, 11(2, n. esp), 351-357 Disponível em: https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/6557	Saúde da Criança; Enfermagem Pediátrica; Cuidados de Enfermagem; Quimioterapia; Alimentação.	
Cardoso, S. B., Oliveira, I. C. dos S., Martinez, E. A., Carmo, S. A. do, Moraes, R. de C. M. de, & Santos, M. C. de O.	Ambiente de terapia intensiva pediátrica: implicações para a assistência da criança e de sua família	(2019) Revista Baiana de Enfermagem, 33, e33545. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/33545	Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica. Arquitetura Hospitalar. Criança Hospitalizada. Enfermagem Pediátrica. Ambiente de Instituições de Saúde.	
Guinsburg, S. Z. N., Cune-gatto, F. R., Lima, F. M., & Castan, J. U.	Psicodiagnóstico na internação psiquiátrica da infância e adolescência: panorama do triênio 2015-2016-2017	Clinical & Biomedical Research, 39(3), 216-219. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/articloe/view/93263	Psicodiagnóstico, avaliação psicológica, unidade de internação psiquiátrica, infância, adolescência	PERCEPÇÃO E ATUAÇÃO DA EQUIPE HOSPITALAR
Tosta, L. R. de O., & Serrilha, C. A.	O trabalho interdisciplinar no hospital: acompanhamento de uma criança com condições crônicas complexas	(2022) Psicologia USP, 33, e200118. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642022000100209	condições crônicas de saúde; doença crônica; criança	
Mufato,	Empatia de	(2022) Acta Paulista de Enfermagem,	Empatia;	

L. F., & Gaíva, M. A. M.	enfermeiras com recém-nascidos hospitalizados em unidades de terapia intensiva neonatal	35, eAPE00492. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002022000100302	Enfermagem neonatal; Relações enfermeiro-paciente; Unidades de terapia intensiva neonatal	
Silva, J. de A., et al.	O lúdico como recurso terapêutico no tratamento de crianças hospitalizadas: percepção dos enfermeiros	(2021) Enfermagem Foco, 12(2), 365-371. http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4358/1144	Criança hospitalizada; Enfermagem; Cuidados de enfermagem; Ludicidade; Humanização da assistência hospitalar	
Pereira, F. S., et al.	Percepção da equipe multiprofissional quanto à segurança do paciente pediátrico em áreas críticas	(2021) Revista de Enfermagem da UFSM, 11, e42. https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/55250/html	Segurança do paciente; Criança hospitalizada; Pessoal de saúde; Serviços de saúde; Cultura organizacional	
Sá, I. C. T. F. de, et al.	Estratégias lúdicas no cuidado com a criança hospitalizada: perspectivas simbólicas de discentes de enfermagem	(2021) Revista Baiana de Enfermagem, 35, e45416. http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502021000100362	Jogos e Brinquedos; Criança Hospitalizada; Estudantes de Enfermagem; Educação Superior; Enfermagem Pedi-	

			átrica
Schwertner, M. V. E., et al.	Estratégias de auxílio a famílias no enfrentamento do pós-diagnóstico de câncer infantil	(2021) Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, 13, 443-450. http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/7543/pdf_1	Cuidados de enfermagem; Enfermagem; Família; Neoplasias; Criança
Canêz, J. B., et al.	Conhecimento de profissionais de enfermagem acerca do uso do brinquedo terapêutico na hospitalização infantil	(2020) Enfermagem Foco, 11(6), 108-114. http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3481/1062	Criança hospitalizada; Saúde da criança; Enfermagem pediátrica; Jogos e brinquedos; Cuidados de enfermagem.
Vasconcelos, L. S., Camponogara, S., Neves, E. T., Bonfada, M. S., Dias, G. L., & Bin, A.	Estratégias defensivas utilizadas pela enfermagem frente à morte em terapia intensiva pediátrica	(2020) Enfermagem Foco (Brasília), 11(2), 55-61. DOI: https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n2.2548	Criança hospitalizada; Enfermagem; Unidade de terapia intensiva; Saúde do trabalhador; Família.
Costa, A. C. L., Silva, D. C. Z., Correia, A. R., Marcato, J. O., Rocha, P. K., Matozinhos, F. P., & Manzo, B. F.	Percepção da enfermagem quanto aos desafios e estratégias no contexto da segurança do paciente pediátrica	(2020) REME rev. min. enferm, 24, e1345. DOI: 10.5935/1415.2762.20200082	Segurança do Paciente; Unidades de Terapia Intensiva Pediátrica; Criança Hospitalizada; Equipe de Enfermagem; Enfermagem

			Pediátrica.
Santos, K. C. O., Oliveira, I. C. S., Martinez, E. A., Azevedo, M. S. N., Carmo, S. A. do, & Dias, R. A. B.	Informações transmitidas às famílias das crianças na emergência na perspectiva da Enfermagem	(2020) Revista Pesquisa (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), 12, 1087-1092. https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/7994 .	acesso à informação, criança hospitalizada, equipe de enfermagem, família.
Ribeiro, A. M. N., Ribeiro, E. K. C., Balduino, L. S., & Santos, A. G. dos.	A percepção do enfermeiro sobre o brincar e o impacto dessa prática na assistência pediátrica	(2020) Revista Pesquisa (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), 12, 1017-1021. https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/7415	criança hospitalizada, enfermagem pediátrica, jogos e brinquedos.
Andrade, B. R. V., Cunha, J. X. P. da, & Biondo, C. S.	A resiliência do enfermeiro no cuidado à criança que vivencia a terminalidade	(2020) Revista Enfermagem UFSM, 10, e88. https://doi.org/10.5902/2179769240348	Enfermagem, Resiliência-Psicológica, Morte, Criança Hospitalizada
Azevedo, R. Q., Palladino, R. R., & Freire, R. M. A. de C.	A atuação do psicopedagogo no contexto hospitalar	(2019) Distúrbios da Comunicação, 31(4), 622-629. https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/41303	Aprendizagem, Criança, Diagnóstico, Enfermagem
Fassarella, B. P. A., Ribeiro, W. A., Freitas, L. D. M., Nascimento, J. C. do, Santos, J. C. C. dos, & Fonseca, C. dos S. G. da	Equipe de enfermagem x acompanhante na pediatria: o impacto dessa parceria na assistência pediátrica	(2019) Nursing (Ed. Bras.), 22(258), 3325-3330. Recuperado de https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/424/400	Enfermagem Pediátrica; Família; Criança Hospitalizada

Barroso, M. C. da C. S., Machado, M. E. D., Cursino, E. G., Silva, L. R. da, Depianti, J. R. B., & Silva, L. F. da.	O brinquedo terapêutico na graduação de enfermagem: da teoria à prática	(2019) Revista Pesquisa (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), 11(4), 1043-1047. https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/6901	Jogos e Brinquedos, Estudantes de Enfermagem, Ensino, Enfermagem Pediátrica	
Caldeira, M. de M., Souza, T. V. de, Morais, R. de C. M. de, Moraes, J. R. M. M. de, Nascimento, L. de C. N., & Oliveira, I. C. dos S.	Anotações da equipe de enfermagem: a (des)valorização do cuidado pelas informações fornecidas	(2019) Revista Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, 11(1), 135-141. https://doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i1.135-141	Registros de enfermagem, Criança, Enfermagem pediátrica, Cuidado de enfermagem	
ANTOS, Jorge Henrique Correa et al.	A experiência vivenciada pelo cuidador da criança/adolescente que enfrenta uma doença limitante da vida	(2022) Vínculo, 19(1), 48-62. Recuperado de https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=139473537006 .	Pais; cuidadores; criança hospitalizada; relações pai-criança; atitudes frente à doença	ACOMPANHANTE COMO OBJETO
RAVA-NHANI, Julia; SOUZA, Marcela Astolphide; WHITAKER, Maria Carolina Ortiz; MELO, Luci-	Percepção materna sobre a participação do pai na hospitalização do filho em unidade intensiva pediátrica	(2022) REME rev. min. enferm, 26, e1441, Recuperado de http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622022000100218	Família; Pai; Unidades de Terapia Intensiva Pediátrica; Pesquisa Qualitativa; Enfermagem Familiar;	

ana de Li- one.			Criança Hospitali- zada
Rocha, L. S., Nunes, M. D. R., Macedo, I. F., Fas- sarella, L. G., Pacheco, S. T. de A., & Evange- lista, T. A. R.	Visão de fa- miliares so- bre o cuida- do comparti- lhado da cri- ança com condição crônica hos- pitalizada	(2022) Revista Baiana de Enfermagem, 36, e48351. http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502022000100350	Família; Criança Hospitali- zada; Do- ença Crônica; Relações Profissio- nal-Famí- lia; Enfer- magem
CABE- ÇA, Luci- ana Pala- cio Fer- nandes; CASTIL- LO, Ana Márcia Chiaradia Mendes; SILVA, Camila Cazissi da; SI- QUEIRA, Karina Machado; MISKO, Maira De- guer; ME- LO, Luci- ana de Li- one.	Da técnica à téchne: co- municação de notícias difíceis em unidade de terapia inten- siva pediátri- ca	(2022) Esc. Anna Nery Rev. Enferm, 26, e20220133. Recuperado de http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452022000100289	Família; Criança Hospitali- zada; Co- munica- ção em Saúde; Modelos de Assis- tência à Saúde; Unidade de Tera- pia Inten- siva Pedi- átrica
ANJOS, Cristinei- de dos; SILVA, Rose Mary Costa Ro- sa Andra- de; PE- REIRA, Eliane Ra-	Familiares vivenciando cuidados pa- liativos de crianças com câncer hospi- talizadas: uma revisão integrativa	(2021) Rev. enferm. UERJ, 29, e51932. Recuperado de https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/51932/38592	Criança;F amília;Câ ncer;Cui- dadosPa- liativos;U nidades- deTerapi- aIntensiva

mos; SAM- PAIO, Carlos Eduardo Peres; SILVA, Marcos Andrade; CARNEI- RO, Elia- ne Cristi- na da Sil- va Pinto.				
VIEIRA, Rosana Fidelis Coelho; ESPÍRI- TO SAN- TO, Fátima Hele- na do; LI- MA, Fer- nanda Ferreira da Silva.	Vivência fa- miliar da cri- ança hospita- lizada com câncer	(2020) Rev. enferm. Cent.-Oeste Min, 10(1), 3546. Recuperado de http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3546/2461	Criança Hospitali- zada; Fa- mília; Ne- oplasias; Enferma- gem.	
FERMI- NO, Vitó- ria; MAT- TOS, Ka- rina; EMÍ- DIO, Su- ellen Cris- tina Dias; MEN- DES- CASTIL- LO, Ana Márcia Chiaradia; CARMO- NA, Ele- nice Va- lentin.	Sentimentos paternos acerca da hospitaliza- ção do filho em unidade de internação neonatal	(2020) REME rev. min. enferm, 24, e- 1280. Recuperado de http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622020000100209&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt	Pai; Re- cém-nas- cido; Uni- dades de Terapia Intensiva Neonatal	
ASSIS, Luciana Arnaud; BATIS- TA, Patrí-	Vivências de mães de cri- anças com câncer em cuidados pa-	(2020) Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), 12, 1348-1354. Recupe- rado de http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/9450/pdf_1	Neoplasia- s, Crian- ça, Mães, Cuidados paliativos,	

cia Serpa de Souza; LIMA, Débora Rodrigues Alves de; SILVA, Silmara de Oliveira; DUARTE, Marcella Souto Costa; ARAÚJO, Cleide Rejane Damaso de.	liativos mediante diagnóstico, tratamento e apoio familiar		Acolhimento.	
MENDES, Carolina Queiroz de Souza et al.	Validação de instrumento de participação da família no cuidado do recém-nascido hospitalizado	(2020) Acta Paul. Enferm. (Online), 33, eAPE20180282. Recuperado de http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002020000100457	Recém-nascido; Família; Enfermagem neonatal; Psicometria; Estudos de validação	
Bazzan, Jéssica Stragliotto et al.	O processo de adaptação familiar à hospitalização infantil em Unidade de Terapia Intensiva	(2020) Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 54, p. e03614. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342020000100462	Criança Hospitalizada; Família; Cuidadores; Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica; Enfermagem Pediátrica; Relações Profissional-Família	
Bazzan, Jéssica Stragliotto et al.	Experiências familiares durante a hospitaliza-	(2020) Revista Pesquisa (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Online), v. 12, p. 1179-1186. Disponível em:	Criança hospitalizada; Família; En-	

	ção infantil: uma revisão integrativa	http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/8037/pdf_1	ferma- gem; Ex- periência familiar; Pediatria.
Oliveira, Chesney Mota et al.	Complica- ções da tera- pia intrave- nosa para fa- miliares de crianças hos- pitalizadas: validação de manual	(2020) Revista Baiana de Enfermagem, v. 34, p. e34474. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502020000100313	Enferma- gem Pedi- átrica; In- fusões In- traveno- sas; Efei- tos Ad- versos; Tecnolo- gia Edu- cacional
Lima, Ro- seni Me- deiro et al.	Experiências de mães du- rante a inter- nação hospi- talar de seus filhos	(2019) Revista Pesquisa (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Online), v. 11, n. 5, p. 1286-1292.. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/7510/pdf_1	Mães, Criança hospitali- zada, Aconteci- mentos que mu- dam a vida, En- ferma- gem, Fa- mília.
Costa, Aline Ro- drigues et al	Sentimentos gerados na família pela internação hospitalar da criança	(2019) Jornal de Enfermagem e Saúde, v. 9, n. 2, p. 199206. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/14012	Criança hospitali- zada, Fa- mília, En- fermagem
Silva, Ju- liana Ma- tos et al.	Compreen- são da mãe a respeito do cuidar de cri- anças esto- mizadas	(2019) REME: Revista Mineira de Enfermagem, v. 23, p. e-1223. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622019000100267&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt	Criança Hospitali- zada; Es- tomas Ci- rúrgicos; Relações Profissio- nal-Famí- lia; Cui- dados de Enferma- gem; Pes- quisa Qualitati- va; Famí- lia

Santos, Maiara Rodrigues et al.	Da hospitalização ao luto: significados atribuídos por pais aos relacionamentos com profissionais em oncologia pediátrica	(2019) Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 53, p. e03521. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342019000100480	Criança Hospitalizada; Neoplasias; Relações Profissional-Família; Enfermagem Familiar; Morte; Luto	
Biasibetti, Cecilia et al.	Comunicação para a segurança do paciente em internações pediátricas	(2019) Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 40, p. e20180337. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472019000200421	Segurança do paciente; Enfermagem pediátrica; Criança hospitalizada; Comunicação em saúde	

Fonte: Elaboração própria a partir de consulta a base de dados Lilacs, Fev/2024

Referências bibliográficas

ALVES, J. M. P. «O que eu faço tem valor»: discutindo o cuidado familiar e o reconhecimento. *Revista ex æquo*, v. 30, p. 97–111, 2014.

ALVES, Joana. Cuidar e ser cuidado: uma análise do cuidado quotidiano, permanente e de longa duração. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2016.

ARIES, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

ARTIOLI, Giovanna; COSENTINO, Chiara; TAFFURELLI, Chiara; FERRI, Paola; FOÀ, Chiara. The narrative interview for the assessment of the assisted person: structure, method and data analysis. *Acta Biomedica Atenei Parmensis*, [S. l.], v. 90, n. 6-S, p. 7–16, 2019. DOI: 10.23750/abm.v90i6-S.8640. Disponível em: <https://www.mattioli1885journals.com/index.php/actabiomedica/article/view/8640>. Acesso em: 11 mar. 2024.

ASSIS, Luciana Arnaud et al. Vivências de mães de crianças com câncer em cuidados paliativos mediante diagnóstico, tratamento e apoio familiar. *Revista de Pesquisa Cuidado É Fundamental Online*, p. 1348-1354, 25 nov. 2020. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcf.v12.9450>.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. *Inclusão Social*, 1(1). Recuperado de <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>, 2005.

Brasil, Ministério da Saúde. Portaria nº 312 de 30 de abril de 2002. Padronização da Nomenclatura do Censo Hospitalar. *Diário Oficial da União*; Brasília, 12 jun. 2002, nº 111, Seção 1, p. 71.

CARRASCO, Cristina; BORDERÍAS, Cristina; TORNOS, Teresa (Ed.). *El trabajo de cuidado: historia, teoría y políticas*. Madrid: Catarata, 2011.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DE LIMA, M. V.; DE SOUZA, K. M. O. RELAÇÕES SOCIAIS E CONFINAMENTO DAS MULHERES CUIDADORAS EM TEMPOS DE INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA DE LONGA PERMANÊNCIA. *REVISTA FOCO*, [S. l.], v. 16, n. 8, p. e02627, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n8-049. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/2627>. Acesso em: 4 out. 2023.

DEJOURS, Christophe. Addendum - Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (Org.). *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2008. p. 127-139.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Editora: Graal. Rio de Janeiro, 1984

GOMES, R. et al. Documento síntese para validação de recomendações de pesquisa: diagnósticos das condições crônicas em pediatria no INSMCA Fernandes Figueira: retrato da morbidade hospitalar e linhas de cuidados. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira; 2015.

GUIMARÃES, Nadia Araujo; HIRATA, Helena. *Apresentação: controvérsias desafiadoras*.

Tempo Social, v. 26, n. 1, jun. 2014.

ILO – International Labor Organization. Care work and care jobs for the future of decent work. 2018.

ILO – International Labor Organization. Care at work: Investing in care leave and services for a more gender equal world of work, 2022

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

KERGOAT, Danièle. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: Dictionnaire critique du féminisme, Hélène Le Doaré et all (orgs). Ed. Presses Universitaires de France. Paris, 2000.

LUKÁCS, György. Para uma ontologia do ser social I. Brasil: Boitempo, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

Ministério da Saúde. Participa Mais Brasil: Marco Conceitual da Política Nacional de Cuidados do Brasil [online]. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/participamaisbrasil/marco-conceitual-da-politica-nacional-de-cuidados-do-brasil>>. Acesso em: 15 de jan. 2024.

MOLINIER, Pascale; LAUGIER, Sandra; PAPERMAN, Patricia. Qu'est-ce que le care? Souci des autres, sensibilité, responsabilité. Paris: Payot & Rivages, 2009.

MOLINIER, Pascale. Psicodinâmica do trabalho e relações sociais de sexo: um itinerário interdisciplinar. 1988-2002. Prod [Internet]. 2004Sep;14(3):14–26. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300003>.

MORO RIOS, C. F.; ROSSLER, J. H. O TRABALHO COMO ATIVIDADE PRINCIPAL NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DO INDIVÍDUO ADULTO. *Psicologia em Estudo*, v. 22, n. 4, p. 563-573, 2017. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i4.37465>.

PACHÁ, P.; MOREIRA, L. V. de C. . ENTREVISTA NARRATIVA COMO TÉCNICA DE PESQUISA. *Synesis* (ISSN 1984-6754), [S. l.], v. 14, n. 1, p. 157–168, 2022. Disponível em: <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2127>. Acesso em: 22 nov. 2023.

PEREIRA, L. P. et al.. Entrevista narrativa com pessoas em situação de rua com transtornos mentais: relato de experiência. *Escola Anna Nery*, v. 25, n. 3, p. e20200017, 2021.

Resolução CONANDA n. 41, de 13 de outubro de 1995, que aprova na íntegra o texto oriundo da Sociedade Brasileira de Pediatria, relativo aos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados.

Relatório “Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade”, realizado pela Oxfam Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/:::text-A%20desigualdade%20econ%C3%B4mica%20est%C3%A1%20fora,a%20crise%20global%20da%20desigualdade>. Acesso em 03 mar. 2024

RIBEIRO, R.L.R. A violência à criança hospitalizada: a dimensão ética da intervenção terapêutica. 1998. 136p. Dissertação (Mestrado em Assistência de Enfermagem) – Curso de Mestrado Interinstitucional na Universidade Federal de Mato Grosso/Universidade Federal de

Santa Catarina, Cuiabá/Florianópolis.

SANTOS AZEVÊDO, Adriano Valério; CREPALDI, Maria Aparecida. Estados emocionais e relacionamento familiar de cuidadores de crianças com queimaduras. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 23, n. 3, dez. 2019. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/61182/39908>. Acesso em: 06 mar. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i3.61182>.

SANTOS, Jorge Henrique Correa dos et al. A experiência vivenciada pelo cuidador da criança/adolescente que enfrenta uma doença limitante da vida. Vínculo - Revista do NESME, v. 19, n. 1, p. 48-62, 2022. Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares.

SANTOS, Ludmila Brandão dos et al. Implicações da longa hospitalização para as cuidadoras de crianças adoecidas cronicamente: atuação do serviço social / Implications of long hospitalization for the caregivers of chronically sick children: social service performance. *Revista de Pesquisa Cuidado É Fundamental Online*, p. 1-7, 7 out. 2022. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11741>.

VILLA, Louise Lisboa de Oliveira et al. The perception of the companion of the humanized care in a pediatric intensive care unit / A percepção do acompanhante sobre o atendimento humanizado em unidade de terapia intensiva pediátrica. *Revista de Pesquisa Cuidado É Fundamental Online*, v. 9, n. 1, p. 187-192, 10 jan. 2017. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i1.187-192>.